

## DE ENSINAR, DE BRINCAR, DE CRIAR, DE RESPEITAR AS IDENTIDADES NA PRÁXIS PEDAGÓGICA

Karin Philippi<sup>1</sup>

Christine Regina Soares Matias<sup>2</sup>

Tânia Regina da Rocha Unglau<sup>3</sup>

### RESUMO

Respeito e conhecimento da diversidade cultural das nações indígenas foi a referência norteadora desta atividade realizada com uma turma de 1º ano, no CME Interativo, no município de São José, SC, onde desenvolvo a prática pedagógica pibidiana. Foi apresentado a turma um instrumento de percussão musical indígena idiofonico, o “pau-de-chuva” que reproduz o som da chuva, e a partir da contação de histórias indígenas, foi proposta a confecção deste instrumento com materiais recicláveis. Além de explorar a criatividade e a imaginação, conceitos como natureza, identidades, alteridade, ancestralidade e sustentabilidade foram construídos junto as crianças. O conhecimento e o deslumbramento de vivenciarem uma experiência pedagógica de uma cultura “desconhecida” ou conhecida pelo olhar do “preconceito” expresso na própria família, comunidade, de possibilitar o aprendizado e envolvimento significativo e despido de julgamentos. A arte como práxis transformadora do saber, norteando a construção do pau-de-chuva e das histórias e sabenças indígenas, seus rituais, costumes, promovendo o entrelaçamento do traçado das primeiras palavras com o respeito étnico pela individualidade dos povos, bem como o respeito e conhecimento da natureza. Este trabalho foi fundamentado na educação libertadora de Paulo Freire, e sua metodologia pautada na pesquisa-ação. Os principais resultados percebidos foram o despertar com curiosidade e respeito para outras culturas, através da confecção do pau-de-chuva, e a descoberta, escrita e leitura de novas palavras.

**Palavras-chave:** Diversidade Cultural, Identidade, Alfabetização, Pau-de-chuva, Pibid

### Introdução

Kaigang, Xocleg, Guaranis. Povos originários de Santa Catarina historicamente deixados a margem da sinuosa linha que separa a grande história, delineada sob o olhar do homem branco, colonizador, senhor das terras e das águas. A História não é feita de grandes homens, mas de toda cultura, identidade e memória coletiva de todos os seres, homens e mulheres que passam por ela. A alteridade foi o ponto norteador e de encontro do projeto de alfabetização a partir da construção do instrumento musical indígena idiofonico pau-de-chuva, com uma turma de 1º ano do ensino fundamental do Centro Educacional Municipal Interativo, em São José, SC, onde desenvolvo prática pedagógica pibidiana.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc [karinphi@gmail.com](mailto:karinphi@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós graduada em Educação Especial no Centro Educacional Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.  
[Christineregimasoaresmatias@outlook.com](mailto:Christineregimasoaresmatias@outlook.com)

<sup>3</sup> Professora orientadora Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC  
[tania.unglaub@udesc.br](mailto:tania.unglaub@udesc.br)





É de suma importância que as escolas incluam em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) projetos que promovam atividades e rodas de conversa que valorizem e reconheçam as identidades dos povos indígenas, para cumprir a Lei 11.645/08, a qual visa garantir “(...) nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. É importante desenvolver um currículo que se afaste dos modelos eurocêntricos de ensino, e criar métodos de ensino com base em uma perspectiva descolonial. Apenas dessa forma estará se promovendo uma educação que liberta e valoriza a diversidade, colocando em primeiro plano o respeito pela cultura indígena e suas raízes. ( FONSECA E COSTA, 2025)

Nessa primeira etapa, apresentamos a eles a conexão que os povos tradicionais fazem entre cada objeto, culinária, expressão cultural como dança e música com a natureza e sustentabilidade e com sua ancestralidade.

A música, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, possui um poder especial que favorece as relações entre as pessoas, despertando emoções, sentimentos e, assim, promovendo a aprendizagem através das interações do cotidiano. Dessa maneira, o aprendizado ocorre de forma natural. Mesmo no caso de uma criança que enfrenta desafios motores, intelectuais ou emocionais, ao usar música na sala de aula, é viável que a comunicação e a interação aconteçam com maior eficácia. criando um ambiente agradável e seguro. (SILVA, Ana Tércia Moraes, 2024)

Em cada intervenção, construímos com a turma o pau-de-chuva, realizado com materiais recicláveis: rolo de papelão de papel toalha, palitos de dente, arroz e desenhos feitos pelos estudantes em papel kraft, desenvolvendo habilidades de coordenação motora fina, ritmo, sustentabilidade. Em consonância a produção do artefato musical, exploramos o estilo de vida saudável e natural dos povos indígenas, sob a ótica da alimentação saudável e natural, incorporando pequenas mudanças em sua rotina alimentar para que se torne uma prática mais saudável, registrando cada momento com pequenos textos, frases e palavras significantes e relevantes ao tema.

Os resultados alcançados mostraram-se extremamente significativos, evidenciados pela participação ativa e consistente dos estudantes em todas as fases do projeto. Eles introduziram ideias inovadoras, demonstrando sensibilidade, respeito e interesse pela cultura indígena, além de desenvolverem uma maior consciência sonora em relação ao instrumento musical. Isso também gerou pequenas transformações diárias, promovendo a adoção de hábitos mais sustentáveis, como o uso de materiais recicláveis.



## Metodologia

A metodologia norteia-se pelos princípios da pesquisa qualitativa, tipo Pesquisa-ação na perspectiva de Thiollente (2022). A abordagem metodológica qualitativa fundamenta-se em Marconi e Lakatos (2022, p. 298). Estes autores entendem que “A pesquisa qualitativa objetiva obter uma compreensão particular do objeto que investiga”, ou seja, busca uma imersão profunda no objeto de estudo para apurar suas complexidades e particularidades. Em relação a pesquisa ação.

Thiollent concebe que

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2022, p. 19).

Ainda, segundo Thiollente (2022, p. 21), “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas.” Então, como pibidianos, não somos somente observadores, mas agentes de mudanças, engajados em todo o processo de alfabetização e letramento dos alunos em questão.

Quando queremos entender como a ação funciona na pesquisa-ação, também buscamos refletir sobre o seu significado, suas formas e como ela se encaixa no processo de investigação. Nesse sentido, é importante identificar quais ações são necessárias para construir ou entender o de estudo, além de saber quais ações são essenciais para essas compreensões em conhecimento. O objetivo principal é descobrir quais ações são necessárias para entender os processos que sustentam a mudança na prática pedagógica durante a pesquisa. Como a pesquisa-ação é um processo bastante interativo, é fundamental analisar a qualidade das ações realizadas pelos envolvidos. Isso ajuda a avaliar se elas fazem sentido do ponto de vista do conhecimento e se têm potencial para gerar mudanças práticas. (FRANCO, 2006).





Dessa forma, o projeto concretiza os princípios da Educação Integral, conforme a BNCC (2017), ao formar sujeitos autônomos, criativos e éticos, capazes de compreender e transformar o mundo a partir das suas vivências.

### **Referencial teórico**

A escola é o espaço onde se constroem valores, atitudes e saberes que formam cidadãos conscientes e comprometidos com o mundo em que vivem. Nesse contexto, trabalhar o tema sustentabilidade e o respeito e valorização dos povos ancestrais, que vivem de forma única a sustentabilidade desde os primeiros anos do Ensino Fundamental é uma ação essencial para promover a reflexão crítica e a responsabilidade socioambiental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o estudante deve compreender a importância da reciclagem, do reaproveitamento e do cuidado com o ambiente, sendo capaz de construir propostas para o consumo consciente e criar soluções para o descarte e reutilização de materiais (BRASIL, 2018, EF05CI05).

A Base também destaca a importância de respeitar e valorizar a diversidade cultural, histórica e linguística dos povos indígenas. Além disso, ela reforça que a cultura indígena deve estar presente de maneira contínua e integrada em várias disciplinas, como história, geografia e artes, ao invés de ser abordada de forma isolada. (BNCC)

O eixo da Sustentabilidade é o fio condutor do projeto, promovendo a consciência ecológica e o senso de responsabilidade coletiva. Inspirado em autores como Leonardo Boff (2012) e Diegues (1992), o projeto compreende sustentabilidade não apenas como preservação ambiental, mas como um modo de viver pautado na ética, no respeito à vida e na solidariedade.

As atividades propostas como o reaproveitamento de materiais para construção de instrumentos musicais concretizam o princípio do consumo consciente, previsto na BNCC (EF05CI05), e favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, cooperação e senso de pertencimento.

Segundo o Caderno Pedagógico de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS, 2020), a educação ambiental deve promover uma aprendizagem ativa e interdisciplinar, na qual as crianças “percebam-se como parte do ambiente e agentes capazes de transformá-





lo”. A metodologia empregada é, portanto, participativa e transformadora, baseada na aprendizagem por projetos, que estimula o protagonismo e o engajamento das crianças em ações concretas de cuidado com o espaço escolar e o meio ambiente.

A proposta metodológica sustenta-se na interdisciplinaridade, compreendida como a integração entre diferentes áreas para a construção coletiva do conhecimento (FAZENDA, 2008). Essa abordagem possibilita que as crianças compreendam o mundo de forma global, conectando arte e sustentabilidade por meio de experiências significativas

### **Resultados e discussão**

Durante a execução da proposta pedagógica com a turma do 1º ano do CEM Interativo, a interação e curiosidade dos estudantes perpassaram as expectativas construídas na elaboração deste projeto. A cada aula a construção dos saberes sobre sustentabilidade, cultura e construção do instrumento música pau-de-chuva foi consolidando-se. Os estudantes participaram ativamente de cada etapa, apresentando questionamentos, sugestões e corroborando os conceitos do saber fazer.

A cada roda de conversa, o saber enviesado pelo olhar empírico provido de noções pré concebidas de forma pejorativa foram sendo transformados, e o pensamento crítico passou a pautar as reações em relações entre as crianças e entre as crianças e familiares, relacionadas a cultura indígena. A cada nova etapa, novas palavras eram registradas pelos alunos em seus cadernos, através de atividades escritas e de leitura.

O ato de criar instrumentos musicais usando materiais reciclados deu a chance de trabalhar com um conteúdo que une diferentes áreas do conhecimento, estimulando os alunos a refletirem sobre questões relacionadas ao meio ambiente e contribuindo para uma atividade em grupo. Essas crianças ativaram a criatividade dos alunos, promovendo a cooperação.

Entretanto, um dos maiores desafios encontrados foi com relação a inclusão de 2 alunos com diagnóstico de TEA nível 3 de suporte. Eles participaram da construção do pau-de-chuva com a ajuda da 2ª professora, de forma adaptada e colaborativa, mas gostaria de ter tido elementos e suporte para que pudessem ter participado de forma mais consolidada em todas as atividades, respeitando suas especificidades.

### **Considerações finais**





Os aprendizados foram grandes, poder perceber a escola com o olhar de quem aprende a ver a “magia” da descoberta da alfabetização acontecendo, fazendo parte do processo e aprendendo com as crianças a cada traçado ainda inseguro da grafia das letras, ao mesmo tempo em que demonstravam curiosidade e deferência ao serem apresentados a cultura dos povos originários.

A sustentabilidade como ponto de discussão e de encontro com a cultura indígena e com a musicalidade foi importante para intensificar o saber fazer pedagógico de respeito e valorização da cultura indígena, tal qual preconiza a Lei 11.645/08, podendo efetivamente, no dia a dia com a turma trabalhar com essa prerrogativa. A lei, ao tornar obrigatória a inclusão desses temas em todos os níveis de ensino, ainda não garante que nas escolas sejam realmente estudados assuntos relacionados à literatura, artes, história e culturas de origem africana ou indígena. Por isso, pensar sobre as representações dos povos indígenas nas escolas não é apenas importante, mas fundamental. O ambiente escolar pode ser um lugar onde se reforçam os padrões sociais ou, ao contrário, pode se transformar em um espaço onde a escola tem a responsabilidade e o direito de promover a e o respeito diferenças étnicas, de gênero, de classes sociais e de outros grupos que historicamente foram marginalizados. (BICALHO, MACHADO, OLIVEIRA, 2018).

Por outro lado, lidar com as muitas exigências do currículo oficial e de outros movimentos sociais não é uma tarefa fácil. Na verdade, essa é uma das várias dificuldades enfrentadas pelos professores, que já lidam com problemas como salários baixos, infraestrutura precária, salas de aula superlotadas, falta de planos de carreira e a ausência de apoio por parte do poder público.

A alteridade deve ser conceito sempre presente no chão de escola, incientivando nos alunos a reflexão sobre respeito as culturas distintas, onde o que nos diferencia não é estranho ou exótico, é apenas diferente. Na construção das identidades, há que se legitimar também a construção do olhar observador e respeitoso para com as diferenças culturais que nos tornam mais completos porque mais diversos. O protagonismo da comunidade escolar professores e alunos, darão o tom para o respeito e conhecimento e conhecimento sobre a cultura indígena.

### **Agradecimentos**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo apoio financeiro e







por viabilizarem esta pesquisa. Agradeço imensamente a minha orientadora, Profa. Dra. Tânia Regina da Rocha Unglaub, pela paciência, pelas valiosas sugestões e incentivo e pela disponibilidade em me auxiliar a superar os desafios. Também estendo os agradecimentos a Profa. Christine, professora do do 1º ano do CEM Interativo, pela parceria neste artigo e como supervisora da prática pedagógica do Pibid. Agradeço ao CEM Interativo, que acolheu o PIBID e possibilitou a interação pedagógica. Agradeço ao Miguel Philippi, irmão e musicista que me apresentou ao instrumento musical pau-de-chuva bem como orientou sobre seu uso pedagógico. Por fim, mas não menos importante, agradeço a Profa Márcia Dircksen Schneider, diretora da EEB São Tarcísio, que incentivou e possibilitou minha participação no projeto.

### Referências

- BICALHO, Poliene Soares dos Santos; OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva; MACHADO, Márcia. 'Mas Eles São Índios de Verdade?': representações indígenas na sala de aula. *Educação & Realidade*, v. 43, n. 4, p. 1591-1612, 2018.
- BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 set. 2025.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: [GOV.BR](http://gov.br). Acesso em: 16/10/25.
- DIEGUES, Carlos Walter Porto-Gonçalves. *Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DA FONSECA, Thaila Bastos; DA COSTA, Greiciele Rodrigues. A POÉTICA E CULTURAS INDÍGENAS NO CONTEXTO ESCOLAR: CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA ANCESTRAL. *Humanidades & Inovação*, v. 12, n. 3, p. 277-286, 2025.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e pesquisa*, v. 31, p. 483-502, 2005.
- FERREIRA, José Carlos. *Sociedades sustentáveis: princípios e práticas*. 2005.





FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

SILVA, Ana Tercia Morais da. MUSICALIZAÇÃO INDÍGENA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: colecionando vivências e eternizando memórias na Escola Maria Alice Machado em Codó-MA. 2024.

